CONHECIMENTOS UTEIS.

PREVENÇÃO CONTRA FOGO.

1605 Um cidadão de Bordeus está requerendo privilegio para uma sua invenção, que, se responder á promessa, de grande proveito virá a ser no mundo, e especialmente na marinha. É um methodo por onde as madeiras, cordas, pannos, ou quaesquer outros objectos breados, ficam sendo incombustiveis.

Diremos d'isto mais quando o soubermos. Basta porém esta simples noticia, para que o governo deva procurar desde já ir-se inteirando do que for occorrendo em tal negocio.

GAZ LUCÍFERO.

1606 De todas as provincias nos vem perguntas ácerca do tão preconisado gaz lucífero (vede os nossos artigos 259, 287, 288, 351, 463, 611, 747). —

«Nec semper feriet quodcumque minabitur arcus:
«Nem sempre vae certeiro o tiro ao alvo.»

Dizia o velho Horacio: — o gaz lucífero não respondeu ás esperanças, que as suas primeiras mostras e os calculos haviam dado. Como os francezes, como os allemães e como meio mundo, tambem nós outros nos enganámos.

A companhia, que se formára em Lisboa para fabricar o liquido, quebrou perdendo as acções uns 80 por cento do seu valor, porque a economia, que se esperava com este genero de illuminação não se realisou; pelo contrario a cêra e o azeite davam mais luz no mesmo tempo, ou luz egual por tempo mais dilatado com o mesmo custo. O fumo, que a principio se cuidava não haver, a continuação o veio a final a descobrir.

O motivo principal, segundo nos asseveram da quebra da companhia, foi o estar a sua fabrica além do Téjo e áquem do Téjo o seu consumo, e carregar a alfandega este producto com direitos excessivos: — felizmente pouco se perdeu no perder-se esta industria, mas, utilissima que ella fosse, com um rombo tal egualmente se houvéra ido ao fundo.

Os curiosos de averiguar por si mesmos se lhe convém o uso do gaz lucífero, facilmente podem compôr o liquido. — A sua receita já não é segredo. Todos os jornaes da Europa a publicaram. — Consiste em misturar septe partes de espirito de vinho do mais rectificado com uma parte de agua raz da mais pura. — A agua raz é extracto dos pinheiros, não é cara, o espirito de vinho sobeja, por desgraça nossa, a muitos dos lavradores das nossas provincias: — a esses, que o teem de sua casa, poderá talvez esta luz saír em conta. Quanto aos candieiros proprios para ella n'esta cidade se encontram á venda vindos de França; e no primeiro quarteirão do lado direito da rua da Prata, saíndo da praça da Figueira, ha um latoeiro, que arranja para este uso qualquer lâmpada de sala, que anteriormente haja servido para azeite. Se alguem se tentar com a experiencia recommendamos-lhe todo o cuidado no manusear o liquido, evitando-lhe a proximidade do fogo.

Se o gaz lucífero ou gaz hydrogenio liquido portatil, como extravagantemente lhe chamavam em París, não deu o promettido resultado, esperemos um pouco mais. O tráfego scientifico e inventivo de toda essa Europa algum dia, quando menos se esperar, descobrirá em alguma substancia abundante na natureza, um meio de nos allumiarmos preferivel a todos os outros até hoje conhecidos. O gaz, que nas cidades converte as noites em dia, nem sonhado foi por nossos paes, e hoje é vulgar, e a sciencia o sabe extraír não só de um, senão de muitos generos de corpos.

No *Journal des Connaissances Utiles* de octubro passado encontrámos nós um novo modo de illuminação com o gaz extraído das aguas de sabão, que depois de terem servido nas fábricas de lanificios se lançavam fóra por inuteis. Esperemos pois: — muitos *fiat lux* nos tem ainda reservados este grande seculo.

PISTOLAS DE DOZE TIROS.

1607 De Sanctiago escreve ao Heraldo o seu correspondente o seguinte:

«O acreditado e intelligente artista D. Nicolau Lo-«sada, de que já lhe fallei, está construindo, e vae «rifar uma pistola de arção de tamanho regular, a qual «com um só cano póde dar doze tiros a eito sem ne-«cessidade de novas cargas. O mechanismo é ingenho-«so e não complicado. Toda a arma é de metal. O ca-«no está unido por uma rôsca ao restante. Esta rôsca «admitte uma peça de pouco comprimento, em que es-«tão abertos seis canosinhos, que se carregam junctos. «Desparados estes toma-se se se quer outra peça de «egual fórma e dimensões, que se ajusta ao cano, de-«pois de se ter desenroscado a primeira, e torna-se «a fazer o que a respeito da primeira já dissémos. «Esta pistola leva ainda vantagem á de seis canos «de que já lhe dei noticia; porque não toma muito «mais espaço que as ordinarias; e ao mesmo tempo «offerece defensa contra doze inimigos. — Portanto es-«pero que a imprensa hispanhola receberá ainda com «maior avidez, este do que essoutro invento, etc.»

A descripção do que se acaba de ler não é em verdade assás clara para que um armeiro se possa por ella governar: mas já com a denuncia d'este invento, podem os interessados saber pouco mais ou menos por onde se hão-de dirigir a procurar mais luz.

Inventada a medicina sem medicina, ou arte de não morrer de molestia alguma, era necessario para o mundo se não entupir de gente, que se inventassem armas de doze tiros a fio, sem respirar senão de seis em seis.

A LUZ PINTORA.

1608 Pareceu o daguerreotypo o *non plus ultra* das conquistas das artes á natureza, e da natureza ás artes: porque por esse descobrimento e invento n'um relance podia qualquer obter as imagens dos objectos; o que, se dilatava a esphéra da instrucção e dos prazeres, ameaçava ao mesmo tempo a innumeraveis familias, que só pelas artes do desenho subsistiam. Este inconveniente, commum a todas as grandes novidades, cessou dentro em pouco de infundir terrores porque o daguerreotypo, fazendo aliás muito, não correspondeu ao que d'elle se esperava. As suas copias de objectos naturaes reuniam á mais escrupulosa exactidão duas falsidades ambas flagrantes: representando os claros em escuros, e os escuros em claros, e apresentando no quadro, por mais festivo que fosse o seu assumpto, um tom sombrio e melancholico. O mais difficil, o que podia parecer impossivel estava entre-

tanto conseguido: isso bastava para que os ingenhos, allumiados pela sciencia, continuassem a tender perseverantemente para o mais, para o melhor, e para o optimo. O daguerreotypo era, porque assim o digamos, a sombra dos vultos fixada na parede com carvão: — era necessario que a visão radiante, córada e viva do espelho se chegasse tambem a perpetuar.

Ha largo tempo que se trabalhava para o conseguir; e já duas ou tres vezes soára voz, que em Italia e Allemanha fôra o grande problema resolvido.

Para lá se voltaram todas as attenções, mas ao pregão seguiu o mais profundo silencio. Entretanto a esculptura e a gravura, auxiliadas da physica e da chymica, davam passos de gigante na estrada fragosa e incommensuravel da perfectibilidade. As medalhas, e as estatuas reproduziam-se por modos quasi magicos. A vez da pintura chegou tambem. Eis-aqui o que hoje achamos em jornaes parisienses.

«Não ha duvida que se descobriu emfim o methodo de reproduzir as côres naturaes pelo daguerreotypo. Affirma-se que os resultados d'este novo descobrimento são formosos sem senão, e duram sem estrago, nem velhice. Já aqui, em Paris, está formada uma companhia, para negociar com os fructos d'este fecundo ramo das Bellas-Artes.»

GLIPHOGRAPHIA.

1609 É este o nome de um novo e precioso invento, recémfeito na Inglaterra; — é uma nova arte de gravar: — arte simples nos seus principios, facil na applicação, e que pelos seus presumiveis resultados se póde haver por um dos triumphos das modernas sciencias. Pela gliphographia se traslada qualquer desenho para uma chapa de metal. Os traços d'este desenho por uma segunda operação ficam na superficie da chapa relevados; e esta em estado de poder, como os typos, como as gravuras em madeira, ou como os *clichés*, ser mettida na prensa per si ou encorporada com leitura, e dar, pelo simples methodo ordinario de imprimir, mui nítidas e correctas provas.

O auctor já publicou o seu invento n'um folheto, ornado, de estampas todas gliphographicamente gravadas.

ORELHA DE PAPEL.

(*Carta*).

1610 *Sr. Redactor.* — Sou mouco ha vinte e cinco annos, para mais. Tenho feito quanto remedio me tem ensinado medicos e curandeiros: tenho usado de quanta trapaça ha de trombetinhas, e sempre na mesma. Se não fosse o gostar de lêr, e ouvir assim pelos olhos o que teem dicto os homens, que merecem ser ouvidos, tinha amuado de véras apezar de ser folgasão, ou por isso mesmo que o sou. O seu periodico leio-o sempre, porque intertém e ao mesmo tempo ensina muita coisa util; — já por isto eu lhe devia agradecimentos; mas agora é que, sem nota de muito ingrato, não podia deixar de lh'os dar, depois da experiencia que fiz do remedio para surdos do seu artigo 1446. Tenho uma ama tambem velha e tambem surda. — Quando conversavamos, que era poucas vezes, era um passo de comedia. Depois de gritarmos muito, ás vezes acabavamos fazendo cada um o contrario do que o outro julgára perceber-lhe; agora com o papelinho nos dentes (e para gloria sua devo-lhe dizer que o primeiro, com que fiz a experiencia, foi a propria Revista que tinha na mão) já conversamos sem deitar as casas abaixo e intendemo-nos.

Se lhe parecer publicar isto fará bom serviço aos meus confrades surdos, e particular favor a quem etc.

Padre João Joaquim da Motta Valladares.

Lisboa 20 abril.

No periodico dos *Pobres do Porto* lemos ha dias, que tendo sido a mesma receita experimentada por duas pessoas surdas da mesma casa, a uma não aproveitára mas a outra sim.

VINHO DE LARANJAS.

1611 No *Heraldo* de Madrid temos que se fundou, e trabalha em ponto grande na villa de *Carcagente*, provincia de Valencia, uma fabrica de vinho de laranjas, vinho exquisito e comparavel na qualidade, gosto e excellencia ao da Madeira. Depois de varias experiencias assentaram no methodo, que seguem, de espremer as laranjas como se espremem as uvas, deixando fermentar o sumo naturalmente. A sociedade economica de Valencia reconheceu por optimo o resultado de tal fabrico.

É vinho muito espirituoso, mas querendo-se menos alcohólico obtém-se, deitando-lhe menos assucar.

Não é invento novo. D'este e de muitos outros fructos, e até de flôres cosidas com assucar, teem já os curiosos em muitas partes e em diversos tempos feito vinhos, mais ou menos fortes, mais ou menos agradaveis. De marmellos, de romãs, de pêcegos nos lembra havêl-os provado delicadissimos, fabricados em Coimbra pela propria mão do nosso distincto medico e naturalista, o Sr. Jeronimo Joaquim de Figueiredo: de laranjas nos affirma o nosso amigo, o Sr. Dr. Lourenço José Moniz, tel-os bebido primorosos nos Estados-Unidos.

É todavia axioma entre os gastrónomos, que nenhum de taes licôres fermentados se póde comparar de véras com o vinho classico de Anacreonte, de Horacio e de Lafare, se bem que segundo ouvimos a um que na materia nos parecia discorrer profundamente, muito se poderá talvez conseguir para as delicias da meza, tentando casar no fabrico, ou tempêro dos vinhos os sumos de diversas fructas, que melhor entre si harmonisarem. Vinho estreme de laranjas não cuidamos, que possa exceder aos que tão excellentes e tão acreditados nos produz a nossa terra, e nem que se lhes egualasse, valeria a pena de empregar n'isso um fructo, que tão boa saída tem, e ha-de forçosamente continuar a ter para a Inglaterra. Com a superfluidade, a que chegaram as nossas vindimas em relação ao consumo, emvez de converter laranjas em vinho, antes nos ensinassem a arte de converter o vinho em mais laranjas, em mais azeitonas, em mais pão, em mais lã, ou em mais de qualquer dos productos agrícolas, que dentro ou fóra do reino teem consumo indubitavel.

BREVE MEMORIA SOBRE A ARRECADAÇÃO DA FAZENDA PUBLICA.

(*Vem de pag.* 383.)

3.º Ponto. (*).

1612 Como ácerca da comarca de Lisboa é que posso dis-

(*) Por descuido do copista se ommittiu o titulo 2.º Ponto antes do § 4.º a paginas 383, columna 1.ª

cursar com mais conhecimento de causa, é principalmente em relação a esta que hei-de deduzir observações para a creação de juizos privativos de fazenda.

Projecta-se pois: — que n'esta comarca para todas as causas de fazenda, que não couberem na alçada dos juizes eleitos (os quaes assim como os juizes ordinarios das comarcas de provincia são conservados) haja dois juizes de direito com seis escrivães e seis officiaes de diligencias, bem como seis delegados do procurador regio, e seis sollicitadores; — que todas as execuções de fazenda que não forem interrompidas por embargos de terceiro, preferencias ou habilitações, se concluam impreterivelmente em quatro mezes: e que os taes juizes procedam contra quem culposamente demorar quaesquer diligencias d'essas execuções: — que estes juizes vençam tambem alguns centezimos na importancia da arrecadação judicial: — que os bens penhorados dos devedores fiscaes possam ser arrematados pela quinta parte da avaliação, e quando nem por tão baixo preço appareça quem queira esses bens, sejam elles adjudicados á fazenda pelas tres quartas partes da avaliação: — que a relação commercial seja o tribunal exclusivo de todas as appellações da fazenda: — e que emfim o Thesoiro publico tenha conhecimento do andamento de todas as causas e execuções da fazenda.

Sobre tudo isto tenho que fazer as seguintes reflexões.

Dois juizes, seis escrivães, e seis officiaes de diligencias, não bastam em Lisboa para todas as causas da fazenda, que já existem pendentes, e para as mais que se hão-de ir instaurando, a menos que essa quantidade de causas não tenha mui consideravel diminuição pelo desinvolvimento das disposições do n.º 4.º do art. 18 da carta de lei de 29 de octubro de 1840, em conformidade com a doctrina da 2.ª e da 4.ª parte d'esta memoria: — já n'um dos paragraphos d'esta 3.ª parte mostrei que dois juizes não bastavam em Lisboa para as causas de fazenda, que por ora se tem processado pelas seis varas civeis, sem fallarmos nas encarregadas aos juizes eleitos: — e agora accrescento: — que se dois juizes bastam, não ha então precisão de seis delegados, e de seis sollicitadores; e que se são precisos todos estes delegados e sollicitadores, é claro que não bastam dois juizes.

A conservação dos juizes ordinarios e eleitos, no mistér de arrecadar a fazenda, tenho-a por uma verdadeira calamidade, e até não julgo preciso provar que o é.

Marcar um praso absoluto para a ultimação de todas as execuções da fazenda, é impossivel: além dos incidentes previstos no projecto, outros muitos de que ninguem saberia fazer enumeração, podem sem culpa dos empregados judiciaes, demorar uma execução, como o não se saber a residencia do devedor fiscal, se tem bens, e aonde, a necessidade de expedir deprecadas etc. etc. — A brevidade do andamento dos processos fiscaes ha-de provir, não de uma designação fixa da sua maxima duração, mas da boa escolha dos empregados, de um sistema simples, e exequivel de fiscalisação, e sobre tudo de um bom regulamento disciplinar, cuja execução deve ser encarregada ao ministerio publico, e nunca aos juizes, por duas razões; — 1.ª, porque a disciplina de quaesquer corporações de empregados publicos, e até a da propria corporação dos juizes, é um negocio da competencia do poder executivo, o qual portanto não deve e não póde commetter esta competencia a empregados que o não representam, sem diminuir os seus proprios meios, e ficar sem força para se fazer obedecer em muitos casos; — 2.ª, porque convem que se comece a conhecer que os juizes de hoje, não são os juizes de outro tempo, e que *só julgam*, e *não administram nem promovem*, porque nas suas funcções judiciaes formam um poder politico independente do executivo, e é necessario não contar regularmente com a sua cooperação em certos negocios, visto que se a não derem não ha meios de os compelir a isso.

É excellente, e ha-de produsir notorios effeitos, a idéa de se conceder aos juizes privativos certos centezimos da arrecadação judicial da fazenda; devendo porém considerar-se que esta arrecadação ha-de depender tambem de outros juizes, a quem aquelles hão-de deprecar, e que não teem egual incentivo.

Quanto ás adjudicações de bens, é minha opinião ha muito tempo, que em nenhum caso as deve soffrer a fazenda, e que os bens dos devedores fiscaes devem andar em praça com successivos abatimentos das avaliações até que achem compradores por qualquer preço; porque este é o unico modo radical de obstar aos conluios, que por ahi se estão fazendo nas avaliações de bens penhorados pela fazenda; — e além d'isso como o resultado de taes adjudicações é vender depois á fazenda os bens por todo o preço, antes soffram prejuizo os seus máus devedores, do que o estado, porque o prejuizo do estado é prejuizo de todos, e antes soffra um só, e que é culpado, do que soffram todos, e sem culpa.

Comtudo se parecer melhor que, (segundo o projecto) as arrematações nunca se possam fazer por menos de um quinto das avaliações, ao menos em tal caso essas adjudicações deverão ser por tres quartas partes d'esse quinto, e não por tres quartas partes do total das avaliações; isto é, se um predio avaliado em 100, não achar comprador por 20, deve ser adjudicado á fazenda por 15, e não por 75, como estabelece o projecto.

A relação commercial não póde bastar para as appellações de fazenda de todo o reino, salvo se fôr augmentado o seu pessoal; o procurador regio ante aquelle tribunal egualmente não póde assistir ao julgamento de tantas appellações, e além d'isto ha-de ser preciso estabelecer-se por lei, ou regulamento, a auctoridade de que elle necessita sobre os delegados dos procuradores regios das relações civis ácerca das causas de fazenda em 1.ª instancia.

Finalmente o Thesoiro no meu intender não tem coisa alguma com o andamento dos processos de fazenda; por que depois de uma arrecadação estar convertida em um processo judicial, é um negocio da exclusiva competencia do ministerio da justiça, e ao Thesoiro só toca esperar pela effectiva arrecadação, para fiscalisar então a entrada do dinheiro nos cofres publicos, e a sua legal applicação. Do sistema contrario segue-se incontestavelmente a má ordem no serviço, que sempre nasce da confusão e usurpação de attribuições estranhas, das determinações encontradas, divergentes, ou oppostas, a que dá occasião o ser um objecto dirigido ao mesmo tempo por repartições diversas, e independentes entre si, e de ordens proferidas sem verdadeiro conhecimento dos factos, praticos, e legislação forense, e até emanadas de quem não tem jurisdicção de coacção para as fazer executar. — Os ministerios da guerra, marinha, reino, e estrangeiros, quando querem promover quaesquer arrecadações pelos meios judiciaes, dirigem-se ao ministerio da justiça, o qual pelos seus subditos toma logo a seu cuidado estes negocios, e os dirige até que sejam concluidas: nas arrecadações judiciaes do Thesoiro deve proceder-se do mesmo modo.

J. M. de C. Netto Leite.

(Continuar-se-ha.)

HISTORIA RESUMIDA DA INVENÇÃO E MELHORAMENTOS DAS MACHINAS DE VAPOR, PELO SR. VISCONDE DE VILLARINHO DE S. ROMÃO.

(Vem de pag. 370.)

Capitulo VI.

Máchinas de ar dilatado, de vapor e mercurio, e de rotação continua.

1613 I. — Encontra-se a noticia de uma máchina de ar dilatado no *Tractado completo das Máchinas de Vapor*, publicado em *Bruxellas* no anno de 1838 pela sociedade de *Hauman e Companhia;* a sua descripção vem a pag. 213, e os desenhos compreendem as figuras 102 — 103 — 104. Ella é complicadissima, e fundada na propriedade que tem o ar frio. Tem dois cylindros gémeos, de grande capacidade, dispostos verticalmente a uma certa distancia um do outro. A parte superior d'estes cylindros é coberta e rodeada por um invólucro de ferro, que ajusta sómente na sua extremidade inferior a coisa de dois terços da altura dos cylindros, deixando um certo espaço vasio, em que entra o ar e fumo aquecidos em alta temperatura, vindo da fornalha conduzidos por manilhas. A parte inferior dos cylindros está mergulhada na agua fria, que se renova por meio de uma bomba movida pela mesma machina. Na parte interior dos supradictos cylindros movem-se verticalmen-

te; mas sem aperto uns vasos de ferro similhantes a uns tambores seccos, e guiados no seu movimento rectilineo de alto a baixo, e *vice-versa*, por uma *tige* cylindrica, que passa em bocêtas de estopas, e vai articular-se nas extremidades de um balanceiro, que se move ou joga por baixo dos referidos cylindros; o auctor chama a estes tambores = *vasos differenciaes;* porque elevando-se dentro dos cylindros deslocam o ar interior, e fazem, com que passe da parte superior quente em alta temperatura para a inferior que está banhada de agua fria. — Advirta-se que estes vasos ou tambores differenciaes occupam sómente os dois terços da capacidade interior dos cylindros, e são configurados na tampa superior exactamente como a superficie interior dos mesmos cylindros em que estão metiidos, afim de poderem deslocar o ar quente, occupando o logar que elle tinha, e fazendo-o passar para baixo a concentrar-se.

Entre os dictos cylindros gémeos ou parêlhos está outro cylindro similhante inteiramente a qualquer cylindro motor de uma máchina de vapor do sistema de *Watt;* e dos cylindros acima dictos lhe entra o ar por tubos de communicação, alternadamente quente: a saber. Quando o jacto de ar quente vem por cima do émbolo, aquelle que estava por baixo escapa-se para a parte fria do vaso differencial, que lhe corresponde, aonde se condensa e o émbolo desce; mas logo depois vem o jacto de ar quente por baixo do émbolo, e aquelle que o fez abaixar passa para a condensação do outro vaso differencial, e o émbolo sóbe. Os vasos differenciaes são movidos por meio de um excentrico posto na arvore do volante, o qual dá o movimento de vaivém ao balanceiro em que as *tiges* cylindricas, acima dictas, estão articuladas. Esta máchina é muito ingenhosa; mas pouco util; porque o ar se demora muito mais, do que o vapor, tanto para tomar uma elevada temperatura, como para a perder rapidamente na condensação, e por isso eram os movimentos d'ella ronceiros, e mui debil a força motriz: ignora-se o nome do auctor. Não é possivel tirar proveito do ar dilatado pelo calor, para servir de principio motor; porque, segundo as experiencias de *M. Gay-Lussac* elle se dilata = 0,375 do seu volume na temperatura de cem gráus centigrados, e d'esta fórma, para ter a força elastica do vapor n'aquella mesma temperatura, sería preciso elevar a do ar a 300 gráus dictos, d'onde resultava uma grande perda de combustivel.

II. — As máchinas de vapor e mercurio são fundadas no excellente principio ou base de nunca poder tomar a temperatura rubra (visivel de dia) a lâmina, que estiver em contacto com a agua evaporante, afim de se acautelar o perigo das explosões do vapor *dessaturado;* isto é que não tem agua no seu contacto; o feitio d'ellas é o seguinte. Uma caldeira de dois fundos similhante na parte exterior a uma cafeteira; dentro d'ella um cylindro motor com seu, émbolo como os das máchinas de *Watt*, e derredor d'elle, tambem dentro na caldeira, uma camisa ou invólucro, aberto no fundo e pregado á lâmina exterior da mesma caldeira, de fórma que o vapor póde banhar o cylindro por todos os lados, menos a parte superior, que fecha e *obtura* a dicta caldeira hermeticamente. Entre os dois fundos da caldeira deita-se mercurio, o qual póde communicar-se ao espaço vasio, que fica entre o invólucro e a lâmina exterior da mesma caldeira, afim de que se possa dilatar em proporção dos gráus de calor que receber, e servir de thermometro, ou por meio de uma varêta de madeira fluctuando na superficie, ou subindo por um tubo de vidro graduado. É evidente que estas caldeiras só podem ser feitas de lâminas de ferro para que o mercurio se não possa amalgamar, em razão de não ter afinidade com aquelle metal. O mercurio ferve a 343 gráus centigrados, e por isso nunca se deve chegar a esta temperatura; mas sim conserval-o nas inferiores; a de 200.43 produz uma elasticidade de vapor egual a quinze athmosphéras, que é sufficiente para obter grandes resultados. Ora, se o leitor figura na sua imaginação a caldeira descripta, imagine agora que ella está assente em cima de uma fornalha adquada para que o fogo lhe dê sómente no fundo, e não lhe toque nos lados. Estando assim as coisas dispostas, injecta-se a agua sobre o fundo interior da mesma caldeira por meio de uma bomba alimentaria, movida pela mesma máchina, — o jacto de agua é instantaneamente reduzido a vapor, o qual vae ter por manilhas ao cylindro motor, ora pela parte de cima do émbolo, ora pela parte de baixo, afim de obter o movimento de vaivém como nas outras máchinas ordinarias de *Watt*. É preciso advertir que por baixo da caldeira, a um lado da fornalha está um largo tubo cylindrico cheio sempre de agua para a ministrar já quente e mesmo a ferver á bomba alimentária, que a injecta sobre o fundo interior da caldeira, e outra bomba a tira fria de uma cisterna, e a mette no sobredicto tubo. Segundo este sistema póde a máchina trabalhar em alta pressão, perdendo o vapor na athmosphéra, e tambem póde trabalhar em baixa pressão levando-o a um condensador como os de *Watt*. Ignoro o nome do Inventor e a data da invenção; só posso dizer que ella é anterior ao anno de 1838: o desenho que a representa acha-se na obra citada ultimamente, e tem o numero 130.

III. — Ainda ha outra máchina de vapor e mercurio muito simples; mas que tem seu defeito de invenção. Consiste esta em uma roda de quatro raios ôcos, a qual gira em cima de um forte munhão fixo, por onde vem ter o vapor em alta temperatura á origem central dos mesmos raios por meio de uma abertura ou furo, que está aberto na parte debaixo do munhão, e póde entrar nos raios á proporção que elles vão passando pelo dicto furo durante o seu movimento de rotação. Cada um dos quatro raios tem na extremidade um globo de ferro ôco, e n'um d'estes se deita mercurio até aos dois terços da sua capacidade. D'este globo sae um tubo prolongado, o qual tem uma extremidade cortada em fórma de bico de flauta e mergulhada no mercurio até tocar no fundo; emfim a parte exterior e prolongada vae entrar no globo do visinho raio, que suppomos agora vasio, e vae ter á parte superior do mesmo, aonde é cortado com uma secção de angulos rectos para todos os lados do mesmo tubo, e tapado com uma válvula de abrir para fóra, de maneira que permitte a saída do mercurio; mas não permitte a entrada. Imaginae agora que d'este globo vasio vae ter outro tubo similhante, ao terceiro globo, e outro ainda do terceiro ao quarto, em tudo similhantes uns aos outros, e dispostos da mesma fórma. Ora, o globo de mercurio está pendente na linha vertical, e o furo inferior do munhão corresponde á origem do raio, e coincide com a sua abertura; se n'este estado de coisas vier um jacto de vapor de alta pressão, conduzido por manilhas e entrar no raio, a sua elasticidade e tensão, em que se acha, comprime a superficie do mercurio, e obriga-o a subir para o globo do raio proximo, que está horisontal; em passando todo ou sufficiente porção d'elle, que faça bastante pêso para vencer as resistencias, o globo desce e vem tomar a posição vertical em o *nadir* da máchina. Alli recebe um novo jacto de vapor, que expelle o mercurio, e assim vae continuando a rotação.

IV. — Os defeitos d'esta máchina são evidentes e muito grandes; porque se cria á custa de combustivel uma força muito avultada para depois se perder e reduzir a mui pouca coisa. O sistema aqui empregado é até o inverso das bombas hydráulicas; pois n'estas a força motriz augmenta á custa de tempo, tantas vezes, quantas a área de secção transversal do tubo de injecção estiver para a área do cylindro e do émbolo premente: a saber. Se a área do émbolo for mil vezes maior do que a de secção do tubo de injecção, a força motriz multiplicada pela differença dos braços da alavanca, em que se emprega, ainda depois augmenta mil vezes mais. Na máchina rotatoria é totalmente ao contrario; porque se a área interior dos globos de ferro, em que está o mercurio, ou a superficie d'este comprimida pelo vapor, estiver para a área de secção do tubo, que o leva de um para outro, como mil está para um, segue-se que a força de tensão do vapor fica tambem reduzida de mil a um. D'esta maneira similhante máchina não póde ter emprego util.

O desenho acha-se na obra acima citada em n.° 92, e d'ella se tracta a pag. 206.

(Continuar-se-ha.)

VARIEDADES.

COMMEMORAÇÕES.

DESCOBRIMENTO DAS ILHAS DE CABO VERDE.

1.º *de Maio de* 1460.

1614 As ilhas de Cabo Verde, que mercê de Deus ainda podemos chamar portuguezas, não são d'entre as provincias ultramarinas as de que póde tirar menor proveito a mãe-patria. Não sabemos que esteja exactamente determinado o anno, em que foram descobertas; nem é aqui logar ou occasião de disputar este ponto. Sem duvida o foram ainda em tempo do grande infante D. Henrique. Emquanto ao dia do mez não duvidamos seguir que fosse o acima apontado, para o que nos auctorisa o proprio nome de uma das mesmas ilhas; pois sabido é o costume de nossos navegantes darem ás terras, que descobriam, o nome do dia do descobrimento. — Azurára nos conta como Diniz Dias (a quem todos até agora, fiados em João de Barros, teem chamado Diniz Fernandes) descobriu o Cabo, d'onde a estas ilhas vem o nome, e como d'esta viagem trouxe de Guiné ao reino quatro negros — *os quaes foram os primeiros que em sua propria terra foram filhados per christãos.*

¡ Forte falso testimunho levantou em uma *nota* n'este capitulo (que é o 31) ao innocente copista de Azurára o editor da sua Chronica de Guiné!

J. H. de Cunha Rivára.

ELOGIO FUNEBRE.

Carta.

1615 *Sr. Redactor.* — Espero que se não recusará a publicar no seu periodico o pequeno artigo incluso: — se o achar digno d'isso.

Um seu verdadeiro amigo
C. de A. C.

Coimbra 15 d'abril de 1843.

O RASPAIL.

Algum inglez, de uma intelligencia da força de 100 cavallos, que, por curiosidade, lançasse os olhos ao artigo 1476 do seu jornal, escrevia logo para o seu *Times*, que em Portugal se conhecem tão pouco os homens que actualmente se batem no campo da sciencia, que dos mais acreditados se falla, ridiculisando-os como homens sem merito, cujos escriptos nem merecem lidos.

Quem visse pela primeira vez o nome de Raspail nos seus artigos, julgal-o-hia um charlatão, um d'esses escrevinhadores — como ha muitos em França — que fazem gemer o prélo só por ver se enganam e lucram, que não por concorrerem ao progresso da sciencia. Ora, quando de um homem, acreditado por suas producções, presado por homens de saber, se falla ou se escreve, pede a razão que seja por tal modo que os conhecedores do merito d'elle, se não vejam forçados a attribuir a ignorancia do imprudente escriptor o despreso, com que falla de um homem tido em tão alta conta.

O Raspail tem-se tornado celebre pelas suas observações microscopicas, pelas suas publicações como a Botanica, a Chimica Organica, a Agricultura e outras. Quem ler a carta que, em data de 5 de julho de 1833, lhe escreve o Presidente da Academia das Sciencias, de París, e a que lhe escreve, pelos mesmos tempos, J. J. Virey verá o grande apreço que d'este homem fazem ós que se teem dado ao trabalho de lhe lerem os escriptos: nem o grande anatomico Carus, nem o bem conhecido Phisiologista Muller, e outros de egual nomeada, se pejam de apresentar nas suas obras, o nome de Raspail como um d'aquelles naturalistas de cujas observações e experiencias elles se aproveitaram.

Recusada a Raspail a entrada na Academia das Sciencias, de París, não podia deixar de accender-se-lhe a ira contra os que o haviam assim repellido do seu seio; e d'aqui vem que, todas as vezes que elle expõe theoria seguida ou sustentada por algum Academico, o odio e a indignação não dão logar á verdade; tudo quanto da Academia sae é para elle uma falsidade, nascida de raciocinios falsos, de erros d'observação, d'illusões d'optica etc.: é este o seu maior defeito, mas não tão grande que obscureça as verdades que, por todos os seus trabalhos, andam semeadas.

Alumno de Sciencias Naturaes, temos muitas vezes conversado com Raspail, e muitas vezes admirado a grandeza do seu ingenho: nem nos soffre o animo que tão injustamente ouçâmos fallar d'este homem, sem que levantemos um brado, mas que fraco, em favor d'elle.

Coimbra 9 de abril de 1843.

C. de A. C.

RESPOSTA.

Com mágua, e só por obedecer aos desejos do nosso amavel e cortez amigo, que não temos a fortuna de conhecer, démos á estampa o artigo supra, em que tão desabridamente se maltracta Raspail. O bem que ahi se diz dos seus talentos e sciencia, não excede, nem porventura eguala ao que de uma e outra coisa dissémos no nosso artigo 1269, emquanto as censuras, com que o seu character moral é fulminado pelo nosso correspondente, sobrelevam muito em offensa e damno aos gracêjos do Padre Serapião do Menino Jesus.

O Padre Serapião não falla por parte da sciencia agronomica em geral, mas como pratico da agricultura portugueza. — Não recusa, nem por sombras, a sciencia a Raspail, — mas nega-lhe a competencia para mestre em terra e clima que elle não conhece; — e no dizer que é *paspalho* para Portugal não quer fazer intender, (porque realmente não intende) que não seja Raspail para París, e Raspail em todas as sciencias naturaes. — Se o Padre Serapião lhe chama *paspalho* n'aquillo em que mostra que o é, não lhe chama — invejoso, — detractor de sabios, — e contradictor de verdades demonstradas: — assim que, mais tememos nós o que poderão dizer os correspondentes do *Times*, que lerem a carta do Sr. C. de A. C., do que não os que lessem o nosso artigo 1476.

FLÔR DO MAR.

(Historia de um barqueiro.)

I.

Ao pôr do sol. — Meia hora de curiosidade.

1616 Ao caír da tarde de um dos dias do mez passado, aconteceu-me andar passeando pelo caes do Terreiro do Paço. O noroeste varria as nuvens acastelladas, que fugiam fusilando ao longe. O reflexo do sol que se ía a sumir no occidente orlava-as de uma longa cinta vermelha; o rio estava agitado, e o aspecto da ter-

ra era taciturno e melancholico. Alguns barcos atrevidos, angustiados pelas vagas e bolinando fortemente voavam nas aguas. O caes estava deserto dos seus frequentadores. Varios grupos de barqueiros conversavam folgadamente ao pé das columnas. Um só d'elles sentado distante, n'um dos poiaes de pedra, que ficam do lado direito, parecia contemplar a tormenta, que fugia, com certa especie de amarga complacencia. Quem bem lhe attentasse no semblante cuidaria distinguir nos olhos do pobre algarve, alternativamente postos nas nuvens e nas ondas, uma repreensão ou um desafio á furia dos elementos.

Era um homem alto e robusto, passante de meia edade, mas ainda capaz de supportar as mais rudes fadigas. Tinha a cabeça toda branca e as longas suissas alvejavam-lhe sobre o rosto trigueiro e tostado. Não sei porém que significativos characteres tinha a presença d'aquelle homem, que parecia accusar de prematuras as suas cãs.

Ou fosse pela quasi solidão em que me achava, ou por natural disposição do espirito, fez-me uma estranha impressão o barqueiro velho. Tinha-o notado já muitas vezes, mas parecia-me que nunca lhe víra aquelle rosto expressivo, nem aquelles olhos tremendamente ironicos. Reparára eu, é certo, em que o velho jámais fazia as ruidosas diligencias dos seus companheiros para carear passageiros ao seu bote. Era uma excepção de todos os barqueiros. Silencioso e retirado esperava que o procurassem, e a maxima parte das vezes esperava em balde. Salvo quando o mar estava cavado e revôlto, e algum imprudente se apresentava, por que então, quando os mais atrevidos algarves se recusavam a metter-se ás vagas, o barqueiro velho estava sempre prompto a desenrolar a sua véla triangular, ou a esforçar os remos contra os rolos temorosos que lhe alagavam o pequeno bote. Diziam os companheiros que eram estas as unicas occasiões, em que o tinham visto sorrir ou assoviar algum estribilho da costa. Tambem é certo que, excitado por este comportamento singular, algumas vezes tinha eu procurado o calado velho, e n'estas vezes o tinha sempre achado diligente e zeloso no serviço, e contentando-se sempre com qualquer paga, sem nunca se queixar nem exigir mais. Na verdade que todas estas circumstancias me haviam accordado a curiosidade, mas o aspecto do velho, ou porque lhe eu désse maior attenção, ou porque realmente tivesse differença, n'aquella tarde tempestuosa despertou-me a sympathia.

Depois de passear momentos contemplando os botes amarrados ao caes, que se encontravam e reencontravam atormentados e inquietos, como rapazes travêssos, fui sentar-me defronte do velho resolvido a interromper-lhe a aturada meditação.

— A trovoada limpou os ares. Teremos melhor tempo agora — disse-lhe eu á falta de melhor pretexto para encetar a pratica desejada.

Mas o velho não respondeu, tão absorto estava. Hesitei um instante entre retirar-me despeitoso ou repitir o meu assalto ao obstinado silencio do calado algarve. A curiosidade venceu.

— Já lá vae para longe a trovoada. Agora melhorará o tempo. — Repeti eu com minha vaidade rhetorica, e com a teimosa pertinacia de quem está deliberado a não largar a preza.

D'esta vez fui mais feliz. O barqueiro olhou para mim com indisivel ar de incredulidade e levantou-se despedindo-se. Constrangiu a sentar-se de novo, e respondendo ao pensamento que lhe lêra no rosto prosegui:

— ¿Julga acaso, que a tormenta d'estes dias não abrandará?

— Nem hoje nem ámanhã — respondeu o velho. — Deus sabe quando. O vento vae virando outra vez ao oeste. Acautellar, acautellar — continuou elle deitando os olhos aos navios onde se ouvia tanger a sineta das ave-marias — acautellar que a noite ha-de dar bom mercado.

Inda que eu quizesse não atinaria em deffinir a impressão que me fizeram estas simplices palavras do barqueiro, pelo ar de profunda amargura e de cruel ironia com que as disse. Pareciam-me ellas significar tantas coisas que não pude esquivar-me a um certo sentimento de enleio, que por alguns segundos me tomou a falla, apezar das minhas gárrullas disposições. O primeiro movimento depois d'esta especie de turpor da curiosidade, foi dizer irreflectidamente ao velho:

— ¡Alguma desgraça grande lhe aconteceu no mar!

O barqueiro encarou-me attentamente com uma expressão estranha de pasmo e de dôr. Depois voltando o rosto poz-se a considerar com singular attenção as nuvens negras, que vinham novamente cobrindo os serros de Cacilhas. Era um desmalicioso disfarce. Vi que duas lagrimas grossas como punhos, lhe escorregavam pelas faces tisnadas e rugosas.

Claro era que tinha dado com o segredo do velho, e que lhe feríra a corda mais sensivel do coração. Tive vergonha e tive pezar da minha curiosidade.

Ao mesmo tempo aquella sensibilidade profunda, que me parecia tão rara em similhante classe, excitou-me a continuar.

— As desgraças communicadas levam-se melhor — disse eu, fazendo de philosopho, ao pobre barqueiro. — É preciso desabafar....

— E é — acudiu logo elle com um suspiro comprimido, que lhe vinha lá das raizes do coração. — É — e eu que abafo ha vinte annos.... Mas para quê? — continuou o velho depois de um breve silencio — ¿para quê? a quem importa lá o que succedeu a um triste barqueiro?...

— Importa-me a mim — tornei eu, arrastado por não sei que sentimento, tomando-lhe a mão calosa, talvez porque não estava alli ninguem.

— ¿Importa-lhe? — acudiu elle com rapidez intimamente lisongeado da minha acção. — Pois se o senhor quizer.... ámanhã....

— Ámanhã volto aqui — respondi eu, afferrando-me á quasi promessa do bom algarve.

Principiavam já a caír algumas grossas gottas de agua. Despedi-me do barqueiro velho e retirei-me appressadamente. Quando atravessava os marcos de pedra do caes não pude deixar de voltar-me para o vêr. Estava assentado impassivel á chuva que caía e seguia-me com os olhos. Pareceu-me lêr-lhe no semblante um ar de duvida como de quem dissesse:

— Não és tu que has-de cá voltar!

Mal sabia elle até que ponto me tinha excitado a curiosidade e o interesse. E havia razão para isso, que a historia do barqueiro....

Vou contar-vol-a.

M. Leal Junior.

(Continuar-se-ha.)

NOTICIAS.

ESTRANGEIRAS.

1617 O *Morning-Post* de 8 saíu com as seguintes declarações, que por virem de tal pelourinho ministerial se podem ter por certas e officiaes. Diz elle, que Sir Robert Peel declarára na camara que de todo se lhe acabou a esperança de levar a effeito o tractado com Hispanha, e se crê que sob pretexto de uma licença temporaria mandaram recolher á côrte britannica M. Asthon. Se assim se verificar ainda d'esta vez a industria da nossa visinha se livrou das garras da sua bôa alliada. O *Morning-Post* vem todo magoado, cantando uma lamentação, que naturalmente só repetirão os échos da Grã-Bretanha.

Pelas folhas de Madrid sabemos que foram approvadas em geral as eleições a despeito de protestações, discursos, e outros meios, que a opposição poz em campo para o acautelar. — Approvou-se egualmente as duas mais contestadas, e que mais desafiavam os cuidados dos politicos — a do infante D. Francisco de Paula, como deputado por Saragoça, e a do Sr. Arguelles como deputado por Madrid

PORTUGAL.

ACTOS OFFICIAES.

1618 *Diario do Governo de 19 de abril.* — Portaria para que se guarneçam de moveis as salas do convento da Boa-Hora para serviço das audiencias dos juizes de direito d'esta cidade.

Idem de 20. — Instrucções regulamentares para a fiscalisação e contabilidade das despezas de qualquer corpo de tropa de marinha.

Idem de 21. — Regulamento para o conselho de administração de marinha.

Idem de 22. — Carta de lei para a creação e modificação da companhia geral da agricultura das vinhas do Alto Doiro.

Idem de 24. — Carta de lei concedendo aos filhos dos officiaes, que serviram o usurpador, os direitos da carta de lei de 17 de novembro de 1841. Regulamento da secretaria de estado da marinha e ultramar. Venda de bens nacionaes em Portalegre, Leiria, Faro, Vianna e Lisboa no valor de 5:469$450 réis.

O INCENDIO.

1619 Ha dois seculos se fundava em um alto achegado pela parte do poente á velha Lisboa, chamado então o monte *Olivete*, um espaçoso edificio para a omnipotente companhia de Jesus. S. Roque era a casa professa, Monte Olivete a eschóla novicial.

A primeira pedra dos fundamentos foi solemnemente lançada no cavouco, coroada de flôres, coberta de grandes benções, acompanhada de musicas triumphaes de charamellas e de hymnos religiosos. Á força de annos e doações copiosas cresceu e prefez-se no meio d'aquelle então ermo, rodeado ao perto e ao longe de alegres vistas de mar e terra, um seminario, manancial, segundo suas chronicas resam, de sabios, de sanctos e de martyres. Mas os hymnos triumphaes dissipou-os o tempo; as benções de estabilidade jasiam sepultadas. A ordem omnipotente, fulminada do alto do Vaticano em 1772, caíu como um gigante para nunca mais se levantar; e morreu sobre a sua cama de loiros religiosos e litterarios, mas sob o pêso de odios universaes, que por espaço de 218 annos havia, a despeito de todos os seus beneficios, suscitado.

Morta ella, todas as riquezas, cumuladas no seu regaço e apertadas entre as suas mãos, entornaram-se e reverteram de novo para o mundo a quem pertenciam. O collegio de Monte Olivete viu-se trocado em collegio profano de educação de nobres.

O que em pompa no titulo lhe accresceu, diminuiu-se-lhe na importancia. Crear nobres teria sido um grande destino, mas o seu não foi mais do que afidalgar fidalguias. — De mestre nas sciencias espirituaes, na moral, na historia, nas humanidades, nas linguas orientaes e nas dos selvagens desceu a pedagogo de senhoritos, a preceptor de dança e de espada-preta. As eschólas guarnecidas dos roupêtas de Sancto Ignacio não custavam mais, e eram menos vãs e semsabores. — Se para derrubar o colosso fôra necessario o raio do Vaticano — para fazer caír o manequim aristocratico bastou um sôpro da philosophia. — A liberdade chegou a enthronisar-se — o collegio dos nobres transformou-se em collegio da nação, a rhetorica em astronomia, a espada-preta em sciencia militar, o estudo dos passos de dança e das cortezias graciosas no das sciencias, que revelando a natureza ao homem, lh'a sujeitam, e dilatam com a esphéra do intender e do poder a esphéra moral do acreditar, a unica d'onde vem luz, que pelas sendas embaraçadas da vida nos encaminha.

N'este novo instituto é que as auspiciosas benções da engrinaldada pedra fundamental pareciam dever realisar-se. Muitos varões grandes contára a primeira épocha, mas para os crear abrangêra largos annos: — a segunda, ainda por entre o nobre vulgo pigmêu, fizera sobresaír duas ou tres cabeças distinctas — tambem para isso lhe sobraram os annos; — mas a novissima, que apenas contava seis de duração, tinha já nomes illustres, dava já fructos abundantes, e carregava de flôres immensamente esperançosas.

N'estas duas multiplices Eschólas, a Polytechnica, e a do Exercito se haviam congregado para o magisterio, sujeitos de tão assentada fama, que o seu nome é já para cada um d'elles o seu elogio. — Todos os dias se augmentava d'aquellas portas a dentro o enxame de discipulos e ouvintes; todos os dias achavam elles accrescentado, nos seus tambem jovens e estudiosos mestres, o thesoiro, em que se íam enriquecer; — e todos os dias ía a mais, no conceito publico de todo o reino, a conta, em que era tido aquelle genero de universidade, e as esperanças do seu futuro, já abonadas dos bons successos, senão quando aos 22 do corrente abril um incendio, começado, não se sabe como, se levanta dos forros no angulo direito ao fundo do edificio, parte pertencente á Eschóla Polytechnica.

Antes que as torres deem rebate, já os compositores, impressores e mais empregados da visinha Imprensa Nacional, em numero de mais de cem, acudiram.

Ao toque dos sinos rapidamente communicado de campanario em campanario até os extremos da cidade, á vista da assombrosa columna de fumo, que d'alli se levanta aos céus, e á voz de bocca em bocca repetida — «de que anda o fogo a braços com um dos mais preciosos estabelecimentos d'esta pobre terra» — confluem de toda a parte — além das bombas, artífices e tropa obrigados pelo seu dever — um grande numero de voluntarios, cidadãos decentes, e de representação, membros do corpo legislativo e do governo, magistrados, militares, lentes e estudantes, assim das eschólas ameaçadas das chammas como de outras, finalmente a tripulação de quantos navios nacionaes e estrangeiros surtos n'esse Téjo haviam de

já contemplado no alto da cidade aquelles rôlos de fumo negro, que, torcidos, espedaçados, e abertos em grandes florestas de nuvens, denunciavam, que ajudado do vento impetuoso do nordeste, o fogo, não só poderia em breve engolir o edificio, que o borbotava, mas algum largo tracto da povoação contígua e subjacente.

De poucos inertes e tímidos ficou memoria em tamanha multidão de homens, e essa que ficou não queremos nós concorrer para que se perpetue.

Vendo com que indomita violencia o elemento infernal ía recrescendo para o oeste e para o sul, todos os empenhos instinctivamente convergiram para arrancar debaixo d'aquelles tectos, parte ameaçados parte invadidos já das labarédas, quantos objectos preciosos ahi jasiam enthesoirados, e cujo valor, diz-se, excedia muito a cem contos de réis. — Bibliotheca, estampas, quasi todos os manuscriptos (1), instrumentos de Mathematica, e de Physica, utensís de Chimica, museu zoológico e mineralógico, quadros, esculpturas, alfaias, e mil outras preciosidades artisticas algumas de prata e de oiro, e por derradeiro a propria mobilia, tudo foi disputado, arrancado ao inimigo invencivel não sem asperrimo trabalho, não sem perigos multiplicados e horrorosos, não sem lesão e sangue de muitos dos generosos combatentes.

Quizéramos distribuir galardão de louvor aos que mais se assignalaram: — mas não o faremos, por não incorrermos involuntariamente na culpa de parciaes em materia tão melindrosa: — antes callar com silencio, porventura ingrato, os nomes dos que já pela sua consciencia estão remunerados, do que arriscarmonos, como outros periodicos a preterir quem mais fez, para ir tecer desmerecidas corôas a frontes, que hão-de córar quando lh'as cinjam. — Se a lisonja é sempre uma vileza, a preferencia do demérito ou do mérito pequeno ao grande é um crime odioso e repunante, é um maleficio contra a sociedade. Quem fizer menos alta idéa, do que nós, do sacerdocio da Imprensa que o perpétre.

Mas emquanto assim se desbaratava para se salvar, e se salvava quasi inteiro o thesoiro das sciencias, o edificio, ou porque os da arte não soubessem ou porque não podessem acudir-lhe, ía a lanço e lanço desabando e abismando-se. — Ao cabo de cinco horas a fundação antiga dos jesuitas, o collegio dos nobres, a Eschóla Polytechnica e do Exercito, tinha completamente cessado de existir.

O templo rico de suas esculpturas em marmore, de suas pinturas a fresco, de suas sepulturas, e memorias antigas, foi o ultimo que veio ruidosamente a terra.

O Sacramento e a Imagem da Mãe de Deus ainda a tempo haviam sido levados para seguro. Eram oito horas da noite, já não havia que salvar nem a que se acudisse. As bombas limitavam-se em refrescar as moradas visinhas. A tropa em guardar o espólio amontoado pelas ruas. Os cidadãos, que tão bem haviam merecido da patria, contemplavam tristemente por entre os redemoinhos de cinzas, fumo e faiscas, revolvidos pelo vento, a longa frontaria d'aquelles paços, pouco ha, tão ufanos com o seu tríplice diadêma, religioso, aristocratico, e scientifico, medonhamente illuminada por todas as suas janellas e portões de par em par abertos. — Um susurro soturno ía lá por dentro por aquelles salões e corredores deshabitados, por onde uma turba vacillante e erradía de caprichosas labarédas, toucadas de fumo e de scentêlhas, pareciam andar tripudiando no phantastico festim do demonio da destruição.

O relogio, que tantas horas para a creação de grandes homens tinha já contado e esperava contar ainda, devia deixar correr estas sem as denunciar: — o relogio já não bateu as quatro horas — era morto como tudo mais — morto como os bellos dias que elle se comprouvéra de ir repartindo entre o trabalho e a recreação.

¿Mas como pereceu em cinco horas o edificio venerando de 200 annos? ¿Como foi impossivel o livrar-se alguma parte d'elle? — Eis-ahi o que todos perguntam, e o a que não sabemos responder.

Desde a sua origem até o seu complemento pareceu esta uma catastrophe providencialmente mysteriosa.

Deixemos porém o que lá vae, venhamos nós ao presente, e lancemos os olhos ao futuro.

Tres obrigações todas grandes, todas imperiosas, todas indispensaveis estão pesando sobre o governo. — 1.ª — Premiar os que n'este conflicto mereceram premio. — 2.ª — Atar instantaneamente o fio quebrado de tantos estudos. — 3.ª — Restaurar, e melhorado, um brazão, que a desgraça nos destruiu.

Quanto à primeira temos fé viva, que Sua Magestade condecorará os briosos maritimos francezes e inglezes, que n'este dia rivalisaram em esforço, correram sem hesitar por entre os perigos, e mil vezes affrontaram a morte por nos salvar o que só era nosso, e de que nenhum interesse lhes provinha. — Sobre o peito de um official portuguez reluz ainda a medalha que ElRei de França lhe offertou porque no incendio do arsenal de Brest prestára á França bons serviços — não ha que agradecer áquelle Monarcha, preencheu o seu dever — a Rainha de Portugal não ha-de ficar em brio áquem de principe algum da Christandade. — Aos portuguezes não tem que remunerar. — Eram portuguezes.

Quanto á segunda, já se deram as providencias, para que, trasladados para diversos sitios accomodados os intrumentos, exemplares e utensís dos varios estudos, as interrompidas aulas ahi retomem o seu curso incessantemente.

Quanto á terceira, onde parece que toda a nação portugueza se devia achar unânime, como se acha a respeito das primeiras duas, já começa a apparecer discrepancia — pouca em numero, sim, e nas razões pouquissima ou antes nulla.

Assentada como coisa axiomática a necessidade de enfeixar de novo estes estudos, ora dispersos, pois que nas sciencias principalmente a união é a força (2),

(1) Diz um jornal d'esta cidade, que parte do precioso compendio manuscripto de Mechanica, feito pelo respectivo lente o Sr. Dr. Albino Francisco de Figueiredo, perecêra. Se assim é, temos essa perda mais que deplorar, porque a obra do Sr. Figueiredo, segundo attestam todos os seus collegas no magisterio, e todos os intendidos na materia, é de um merito relevante, fructo de assiduo estudo e grande genio. Ouvimos que as observações astronomicas do Observatorio de Marinha, que alli se achavam archivadas, foram tambem redusidas a cinzas. — Grande lastima, que para manuscriptos preciosos se não edifiquem depositos como a sciencia já hoje os ensina a fazer, incombustiveis ou quasi incombustiveis.

(2) Uma das provas de quanto se lucrava em ter sob o mesmo tecto todas as varias cadeiras da Eschola Polytechnica podeis achal-a no nosso artigo 1481.

ninguem porá duvida em que nenhuma das casas, que para o intento se poderia deputar, eguala em condições favoraveis á que era onde hoje são tisnados montes de ruinas.

É logo esta a que importa reedificar; — e reedifical-a por uma traça nova, accomodada a todas as necessidades da sua multíplice destinação; e mais ampla ainda se for possivel para que mais estudos, hoje remotos e solitarios, possam ir fraternalmente sentar-se ao mesmo banquete commum e grandioso. — ¿Mas os montes de oiro indispensaveis? — Os montes de oiro, que vos faltariam para fazer esta obra só boa, tendelos que cheguem e que sobrem, se emvez de boa a quizerdes fazer optima. Dae a esse futuro templo da sciencia uma invocação, um orago, dignos d'elle. — Chamae-lhe o COLLEGIO DE D. PEDRO: — OS ESTUDOS DE D. PEDRO: — O MONUMENTO DE D. PEDRO.

Vasae para ahi o que já indecorosamente para uma vaidade de pedra e bronze se havia extorquido. — Esquecei essa idéa, se o era. — Expiae esse peccado que o foi. — Não continueis a mendigar para o LIBERTADOR ás portas dos libertados. — E o oiro dos que teem oiro, e a prata dos que teem prata, e o cobre dos que só teem cobre, e as bençãos dos que nada teem, virão expontaneamente ajudar e concluir a obra digna do PRINCIPE, da nação, e do seculo: — e os estrangeiros a visitarão com respeito; e os inimigos com inveja; e a posteridade com gratidão.

Mandae para os intermundios dos sonhadores esses pêsos inuteis da terra, esses classissismos ridiculos de romanos, essas columnas de 200 contos (3) amassadas de pão e lagrimas, esses gigantes de duzentos pés de altura, cegos, surdos, mudos, frios, estereis, e vestidos por escarneo de lauréis de bronze. Sacudi-os e affugentae-os como pesadellos da embriaguez, e ponde em seu logar um monumento, que vê, que ouve, que falla, que sente, que produz, cujos loiros são vivos, crescentes, fructiferos, e de cujos seios brotam mananciaes inexhauriveis de luz, de civilisação, de prosperidade.

«Muitos recusarão para esta obra o que dariam para aquelloutra» — grita na imprensa um dos amoucos da columna.

Engana-se.

¡Que infeliz, a não ser dos que a policia e a misericordia publica teem encerrados em S. José, aconselharia ao pobre que fosse cortar a arvore, que o alimentava para do madeiro fabricar um idolo! Descancem todos os amoucos da columna, que se elles não quizerem concorrer para a obra intelligivel e aproveitavel, aqui está a nação toda, que pagará por si e mais por elles — aqui estamos até nós os pobres, que, para agradecer condignamente aos manes do principe philosopho, illustrado, humanissimo, e bemfeitor em tudo de sua terra, venderemos, se preciso for, uma parte do nosso vestido, metade dos nossos livros, tudo, excepto a consciencia de escriptor sincero e portuguez.

(3) A columna franceza de Vendome (que para o dizermos de passagem não foi feita por estrangeiros mas por francezes, a saber architectos — *Lepère e Gondouin*, esculptor *Denon*, e desenhador *Bergeret*) a columna Vendome sem contar o valor do bronze das 1200 peças de artilharia que para ella se derreteram, importou em tresentos contos de reis.

«Mas — dizem elles ainda — reedificada a famosa Eschola onde se ha-de collocar n'ella a estatua de D. Pedro? — ¿na frontaria? — não, que parece um sancto — (¡grande mal!) um sancto abaixo de certas imagens, esculpidas por cima de algumas portas em Pompeia, é sem duvida a coisa mais obscena que ha no mundo. — ¿N'um pateo interior? — Menos, que dará ares de figura de chafariz.

Nem n'um pateo, nem na frontaria, nem em parte alguma se carece de tal estatua, se porventura não ha modo como no edificio se colloque. Se a columna sem estatua não podia ser monumento, uma simples inscripção, um só nome basta para que em monumento se converta, summo e indestructivel, uma obra por sua nobreza, por seu prestimo, por sua fama tão conforme ás qualidades do HEROE, por nós e por todo o mundo sabidas e confessadas.

«Um incendio poderá destruir segunda vez o edificio» — dizem por ultimo os amarrados á columna.

¡E a vossa columna! Será ella privilegiada da sorte commum a tantas outras? — ¿Fizestes algum contracto com os gnómos para que a terra um dia vol-a não sacuda de si? ¿Segurastes o seu bronze e marmore contra os raios? ¿Lestes já no livro dos destinos as revoluções futuras? ¿Onde está o obelisco de Luxor? Em París. — ¿Onde estão os monumentos de Nino e de Máusulo? Em nenhuma parte. — ¿Que é do grande Trajano de bronze, que torreava sobre a grande columna de que a vossa é apenas um arremêdo? Desappareceu com a urna de suas cinzas, que sustentava na mão, e cedeu o logar a S. Pedro, que poderá cedel-o ainda a algum outro. — Aspirar á eternidade em obras terrestres, já vos não faltava senão essa para serdes completamente originaes na vossa monomanía columnática.

O collegio póde como a columna destruir-se, mas o que não póde a columna é fazer á patria em mil annos o proveito que do collegio lhe ha-de em cada anno resultar.

Felizmente esta verdade em que ha tanto tempo martellamos (4), tornou-se popular. A preferencia do util ao inutil está em todos os intendimentos como um axioma.

A idéa que deixamos expendida é a que hoje anima todas as conversações, a que domina o parlamento, a que influe no governo, a que se defende e sustenta com uma ou duas excepções por toda a imprensa da capital. O proprio Diario do Governo, *apesar de não ser*, como elle mesmo confessa, *dos mais afferrados a considerações utilitarias*, advoga energica e persuasivamente a mesma sancta causa em que nos empenhamos.

Se pois a razão, o poder, e os publicos suffragios tudo conspira para o mesmo fim, demos á patria os parabens.

Pagando a divida de um grande beneficio, haverá ella grangeado um beneficio não menos grande.

Abra-se para logo o concurso para a esplendida edificação: a esse sim, admittam-se com os nacionaes os estrangeiros; é monumento, mas é tambem obra util, necessaria, indispensavel; importa chegal-a quanto possivel for á perfeição. Disputados entre si os riscos em leal batalha, e preferido o preferivel apparecerá logo em abundancia com que dál-o á execução — e o edi-

(4) Vede os nossos artigos 964 — 1071 — 1131 — 1288 — 1321 etc.

ficio monumental de D. Pedro cumprirá em si as bençãos, até agora ineficazes da pedra enterrada ha 200 annos.

PETIÇÃO ACADEMICA.

1620 No dia 23, reuniram-se em casa do sr. J. d'Andrade Corvo, alumno da Eschola Polythechnica, muitos dos seus condiscipulos, para concordarem e assignarem n'uma representação que o mesmo sr. redigíra, para apresentar ao Governo de S. M. pedindo se appliquem para a restauração da Eschola os donativos solicitados para o monumento de D. Pedro.

Na casa da sua residencia Calçada de S. André n.º 4, se acha aquelle papel para ser assignado pelos alumnos que quizerem.

A. da Sylva Tullio.

RARO E VALIOSO ACTO DE FRANQUEZA.

1621 Dizem-nos que em um dos armazens de vinhos e aguas-ardentes, defronte do queimado edificio da Eschola Polytechnica, se dava gratuitamente pão e vinho aos que andavam trabalhando na extincção do fatal incendio. E que só alta noite fechára as suas pipas, e as suas portas, quando por effeito do abuso que alguns marinheiros fizeram d'esta exemplar liberalidade as auctoridades lh'as mandaram fechar.

Se com tanta justiça correm por ahi mencionados os nomes d'alguns dos muitos benemeritos, que por officio ou por dedicação salvaram os objectos contidos n'aquelle formoso estabelecimento, — a esses devemos junctar o do Sr. Tiago do Valle que se é que não prestou tambem os seus braços, reanimou d'esta arte muitos braços que n'aquelles pesados trabalhos andavam já desfalecidos.

A. da Sylva Tullio.

A NOVA EMPREZA DOS CONDES.

1622 Temos visto nos periodicos a accesa batalha, que se estão dando no campo neutro da nossa litteratura dramatica, e não sem grave prejuizo para os cultores pacificos d'esse mesmo campo, — a empreza nova da Rua-dos-Condes, unida em esquadrão cerrado, e os miquelêtes de uma empreza velha e destroçada, que jurou morrer com as armas na mão. — Não sabemos quem são ao certo os auxiliares dos segundos, mas os primeiros teem por si os portuguezes briosos, ou segundo a urbana linguagem de um Jornal os *que se babam de patriotismo*, — ¡ Patriotismo ! a unica das virtudes, principalmente hoje, quando este reino morre de estrangeirismo, — a unica, a unica das virtudes, em que até o fanatismo é respeitavel!

Mas isto é portuguez não se intende bem — passemos adiante.

A companhia nova podia estar completa, ao menos relativamente, e não n'o está. A Sr.ª Emilia condiciona a sua entrada para ella com taes clausulas, que significam, além de recusação, escarneo; e segundo a Revolução de Septembro, e segundo a voz publica, podemos suppôr, que este roubo á arte scenica e á litteratura é obra pósthuma do Sr. Doux. — O mesmo jornal aconselha judiciosamente a auctoridade, que preside aos spectaculos, para que empregue a persuasão, e todos os grandes meios de que póde dispôr afim de que se restabeleça a união. Nós temos os mesmos desejos, nós repetimos o mesmo conselho, — nós supplicamos á empreza que faça todos os possiveis sacrificios para grangear a Sr.ª Emilia, — e á Sr.ª Emilia, pelo interesse que temos no seu bom futuro, que deponha melindres exagerados, que cerre os ouvidos a sugestões pérfidas, que torne para o gremio de seus companheiros e que não desmereça, — por uma fatuidade ridicula, que não é do seu character, mas que traiçoeiramente lhe insinuam, — a benevolencia que desde os seus primeiros passos na scena a tem constantemente acompanhado. — Necessitamos de a ver alli, e de applaudil-a; — necessitâmol-o hoje — e agradecer-lhe-hemos se condescender em vir acceitar as nossas palmas, — mais tarde, outra, assim como ella veio — apparição brilhante saída do nada — poderá haver-lhe conquistado o seu imminente logar assim no tablado, como na publica simpathia. — A fortuna é tambem mulher, e tambem inconstante, — é conveniente aproveital-a, quando passa.

O PADRE FEITO Á PRESSA.

1623 A seu tempo contámos como a 11 de maio do anno pretérito fôra descoberto e preso um impostor, que, sob o nome de Padre Mathias Antonio, exercia n'esta cidade os officios clericaes, e a astucia, com que lográra subtraír-se ás mãos da policia.

Domingo pela volta do meio-dia, tornou-o esta cidade a vêr, mas entre uma escolta — no caminho do *limoeiro*.

Sôa que vinha preso de S. Sebastião da Pedreira, onde fôra tomado na repetição dos seus actos sacrilegos.

¿Será ou não punido? — Esperamos que sim, apesar do visivel acinte, com que se consente na paródia de todas as coisas da egreja em theatros e mascaradas. Esperâmol-o, mas talvez nos enganemos. Se o não fôr, ahi teem os espiritos-fortes desoccupados um excellente modo de vida — dizer missas — prégar — e principalmente confessar meninas.

ALEGRIAS QUE MATAM.

1624 Dissemos como seguindo a antiga usança de seus maiores Sua Magestade Fidelissima, que Deus guarde, concedêra na Semana Sancta perdão total a alguns criminosos, diminuição de pena a alguns outros.

Entre os favorecidos pela piedade régia havia um forçado aos ignominiosos trabalhos da galé. — Este homem — que resistíra á intimação da cruel sentença — que não succumbíra ao ferropearem-n'o a golpes de martello no pesado annel de um grilhão — que não morrêra saíndo a primeira vez por entre o povo, degradado da condição de homem para a de féra silvestre, apenas ouviu a voz de soltura, deu um grito e caíu morto.... de liberdade!

PORTUGUEZES ESCRAVOS.

1625 Continúa Portugal a ser a Africa do Brazil.

Publica o Diario do Governo uma carta de Pernambuco, dirigida por Manuel José Coelho de Freitas ao Ex.mo Governador Civil de *Angra*, em que se relata a miseravel escravidão, que n'aquellas terras vão encontrar os que, fiando em promessas de bandoleiros, deixam as pobrezas do seu ninho pelas pobrezas ainda maiores de terras inhóspitas de outro hemisphério.

Em dezembro de 1841 aportára n'aquella provin-

cia um navio com uma quantidade d'estes vendidos. Pelos principios de dezembro de 1842 outro com cento e quarenta e tantos, filhos e filhas do nosso archipélago açoriano, que *foram vendidos*, — diz o correspondente — *como ahi se vende o gado, e aqui os escravos; alguns homens foram vendidos a cento e sessenta mil réis (frase ordinaria), cinco d'estes infelizes foram para o poder de um senhor de ingenho meu visinho, que os poz a cortar canna com um feitor negro, seu escravo, a tomar conta n'elles; moças houve que foram vendidas a duzentos mil réis, unicamente para satisfazerem os apetites brutaes e lascivos de seus infames compradores; entre estas, uma que se dizia virgem, foi offerecida por trezentos mil réis, mas o capitão não a quiz dar, porque lhe não deram os trezentos mil réis; em fim, Ex.mo Sr., se fosse a innumerar os casos d'esta e egual natureza, seria um nunca acabar: com estas coisas fica o nome portuguez infamado, e se o governo não der providencias energicas para embaraçar uma tão vergonhosa emigração (embora se digam providencias dispoticas) não sei onde isto irá parar.*

Termina a carta censurando o nosso consul n'aquella terra, porque não põe da sua parte côbro a taes escândalos. — A *Restauração* estranha ao *Diario* a publicação desta ultima cláusula, como injusta e injuriosa a um empregado íntegro, e que n'isto ha feito quanto d'elle dependia. O governo, segundo o mesmo jornal, tem adoptado, pela repartição da marinha, providencias, que este mesmo de lá lhe sugeríra — bem haja esse empregado e bem haja o governo. — Taes providencias entretanto ainda até hoje não foram bastantes a suster o mal. — ¿Será elle irremediavel? — Não o cuidamos — se uma vez se quizer de véras, dar-se-lhe-ha cura.

O trafico da escravaria preta está declarado pirataria — sáia uma lei energica declarando pirataria este, que pela seducção o é ainda mais atroz, — esta compra, expatriação, e venda de homens brancos e portuguezes: — fiquem sujeitos estes traficantes, alquiladores de gente e recrutadores de serralhos ás penas geraes dos salteadores. — Uma fôrca bem alta levantada em cada porto maritimo, diga de longe aos infames raptores o que os aguarda; — e veremos se elles continuam a transformar a liberdade, a saude, os affectos, a alegria, e as esperanças de centenares de pessoas em barras de oiro para si.

Haja ahi quem proponha contra esses homens férreos uma lei férrea, que de certo não haverá entre os filhos leaes da boa terra portugueza, quem lh'a impugne ou o não abençoe.

PROCISSÃO VOTIVA DE N. S. DOS PRAZERES.

1626 Aonde hoje é o *campo dos mortos*, já em melhores tempos foi a *casa da saúde*. Assim era chamado o hospital ou lazarêto, que foi estabelecido nas terras d'Alcantara, quando a peste, e os castelhanos assolaram este reino em 1579. Havia, e ainda ha alli uma fonte, sobre cujo rochedo appareceu uma imagem, pelo que se ficou chamando — *á Fonte Sancta* — e á imagem — *Senhora dos Prazeres* — alevantando-se a ermidinha que hoje se inclue no Cemiterio da sua denominação. Os moradores da nobilissima freguezia de Sanctos, que tanto padeceram d'este flagelo, prometteram a esta prodigiosa imagem uma procissão annual se os livrasse da peste que apertava n'este grande bairro mais que em todos os outros. O voto surtiu logo o seu bom effeito, e de então para cá jámais deixou de ser cumprido.

A procissão d'este anno, que segundo o stylo leva um andor com a Senhora dos Prazeres, e todos os irmãos com os seus ramos de flores nas mãos, uns restos da antiga feira dos Prazeres, que por tal motivo se alli estabeleceu, o concurso não já tanto de fieis, mas de visitantes, tudo se fez com muito mais augmento e boa policia do que nos annos precedentes.

A. da Sylva Tullio.

CONFIRMAÇÕES DE PRELADOS.

1627 Foram a final confirmados pela Sancta Sé nas suas respectivas diocésis os actuaes Ex.mos Srs. Patriarcha de Lisboa, Arcebispo de Braga, e Bispo de Leiria.

A COMMUNHÃO DOS MENINOS NA FREGUEZIA DE S. NICOLÁU.

1628 Das muitas e altissimas poesias da egreja poucas haverá tão repassadas de sentimento, tão cheias de commoção religiosa como esta solemnidade da innocencia e do céu. Forçados a circumscrever-nos em estreitos limites, não espraiaremos a phantasia pela analyse minuda de um acto, que tanto e tão eloquentemente falla ao coração. Contaremos resumidamente o que se passou.

Para cima de 40 meninos de ambos os sexos tinham sido convenientemente preparados para receberem o Sancto Sacramento da Eucharistia no dia de Domingo 23 do corrente. A sua primeira admissão á festa da penitencia e ao banquete da graça foi uma verdadeira solemnidade, cercada de todos os esplendores da religião e do mundo, coroada de todos os festivaes prestigios essencialmente pertinentes á innocencia, que vê, entre canticos, incensos e perfumes, descerrarem-se-lhe as portas sagradas da graça divina. A primeira iniciação da eternidade dos justos foi como devia ser augusta e solemne — engrinaldados de flôres appareceram os umbraes do céu aos innocentinhos que os procuravam, guiados pela mão valedora da fé.

Foi celebrada Missa e *Te Deum* com grande pompa e magnificencia, e com profusão de excellente musica, composta de mais de 50 dos melhores professores da capital. Pouco antes do acto da communhão solemne o reverendo e illustrado prior da freguezia dispoz os ânimos dos innocentes por uma breve, mas fervorosa e apropriada prática. Logo após o acto em tudo edificante e grandioso, dois anjos esplendidamente vestidos foram collocar sobre as infantís cabeças dos recémcommungados corôas de rosas brancas — symbolos de sua candida innocencia e da graça que tinham recebido. O reverendo e eloquente Sr. Padre José Pereira ex-dominicano, foi o orador escolhido para esta solemnidade — e a escolha não podia ser melhor. Uncção, verdadeira eloquencia, licção propria, tudo, até fermosuras de stylo, foi por elle empregado para corresponder á grandeza e alteza do acto.

A freguezia de S. Nicoláu, se não é a unica, segundo crêmos, é pelo menos a primeira que nos deu o exemplo d'estas festividades cheias de religião, e candidez que preparando a innocencia para a religião dispõe o melhor de todos os caminhos para sólidas crenças e para a verdadeira fructificação do Evangelho. A longa impressão, que deixam solemnidades d'es-

tas é facil de sentir, porque chega brevemente ao coração, mas é difficil descrever porque palavras são insufficientes para tal.

Aos esforços e sacrificios do digno juiz da irmandade, cujo nome callamos por não offender sua modestia, e de alguns dos seus mais influentes funccionarios se deve principalmente tão edificativa festividade: não menos ao illustrado prior da freguezia, e ao zêlo em geral da irmandade.

M. Leal Junior.

CAMPOAMOR.

1629 Tivemos o gôsto de conversar largamente, e travar amizade com o joven e distincto poeta CAMPOAMOR; e temos a satisfação de annunciar, que o proximo estío o reconduzirá de *Trujillo*, sua terra, na Extremadura hispanhola, para onde partiu domingo ultimo, a esta cidade, de que levou tantas saudades, como n'ella deixou.

Profundamente instruido na litteratura antiga e moderna, castelhana e estrangeira — dotado de uma phantasia meridional das mais ricas, e ao mesmo tempo de uma razão solida, e de um discernimento claro, o Sr. CAMPOAMOR quer nos escriptos, quer no improviso da pratica se mostra sem esforço nem affectação, e, não a revezes senão simultaneamente, bom philosopho e bom poeta. Nada mais saboroso, mais instructivo, mais inspirador, e mais facil que o seu discorrer sobre qualquer assumpto, que se apresente. Do poetico almoço, que tivemos com elle na deliciosa manhã de 21 do corrente, no seu quarto da *Hospedaria de França*, em face d'este esplendido Téjo castelhano e portuguez, não nos soffre o coração que deixemos de repartir com os nossos leitores; os seus primeiros apologos estão impressos, não havemos de tirar d'elles para este brinde; basta-nos dizer que excedem, quanto a nós, e muito, aos de Iriarte, e saem da róta, eternamente batida por todos os fabulistas desde Esopo, Phedro e Avienno até Lafontaine e Florian. Tão pouco tomaremos dos seus *Ayes del Alma*, volume tambem impresso, e verdadeiro thesoiro de poesia íntima e scismadora. Deixaremos egualmente intactas *Las Poesias* por já tambem correrem vulgarisadas, e ser facil a qualquer, desejoso de conhecel-as, o mandal-as vir.

Para darmos uma succinta idéa da índole do pensamento, do agrado do stylo, da melodia do métro, e do acertado da rima do Auctor, trasladaremos das suas balladas ainda inéditas a seguinte, preferida não por melhor mas por mais curta: —

BALADA.

LA DICHA ES LA MUERTE.

Poeta — ¡ Niño! á quien guarda el maternal cuidado,
pues que mi pecho tras la dicha vá
tal vez la dicha encontraré à tu lado.
La Madre — ¡ Llorando el niño entre mi seno está:
íd mas allá!

Poeta — ¡ Hermosas! solo en estranjera tierra,
prestadle dicha á quien tras ella vá
pues tantas dichas vuestro amor encierra.
Las Hermosas — ¡ Triste del sér que idolatrando está:
íd mas allá!

Poeta — ¡ Magnates! hoy vuestra piedad imploro,
loco mi pecho tras la dicha vá,
n'el oro dá la dicha prestadme oro.
Los Magnates — ¡ Ved que amagándoos el puñal está:
íd mas allá!

Poeta — ¡ Ancianos! presa de infernal batalla
mi pecho en pos de la ventura vá,
¿ni al borde mismo de la tumba se halla?
Los Ancianos — ¡ Ni al borde mismo de la tumba está:
íd mas allá!!....

D. RAMON DE CAMPOAMOR.

O STABAT MATER.

1630 Hoje quarta-feira, se executou no theatro de S. Carlos esta tão preconisada composição de Rossini. A scena appareceu toda forrada de pannos pretos, e cercada de figuras de roupa branca, com tochas nas mãos. Parecia uma encamisada no Sancto Officio. Era pavoroso para a vista e para a imaginação. Pela conta parecia quererem representar os doze apostolos, mas algumas tinham o cabello atado!

Entraram todas as partes principaes e os córos competentes vestidos de preto. A execução foi soffrivel — porém é certo que a obra não correspondeu nem á sua fama, nem á de seu aliás eximio auctor. Desagradou — uma pateada da *maioria* a interrompeu por vezes, e a enterrou ao cair do panno.

Mas isto foi o menos. Ao *Stabat* seguiram-se varios trechos de operas, cantados pelos principaes actores da companhia. Porém ao segundo levantar do panno, tornou a apparecer a dicta sala ao mesmo tempo de inquisição e de encamisada! A pateada não póde dissimular a sua desapprovação. Mas que prol? — De noite ninguem se atreveria a pôr a mão n'aquellas phantasmas para as affugentar!.... Assim mesmo cantou-se — e bem.

Era pouco mais de dez horas: concluida a cantoria, que desparatava da sala preta como de um theatro, desparata o *Stabat de Mater*, rompeu a mais estrepitosa e hostil pateada de que ha memoria voando á porfia contra o panno já corrido sobre tantas miserias, dobradiças, assentos de cadeiras, costas de bancos, inteiras, e aos cavacos.

Só apóz meia hora de terremoto, saíu por um canto da cortina uma especie de phariseu velho d'aquelle calvario parodiado, e bode emissario da empreza: — vinha pedir misericordia, mas tornou a abalar-se assoviado para o deserto.

Bem tinhamos nós advertido que era grande tonteria ou escarneo, dar bailes de mascaras na quaresma, e escolher o *Stabat* para a Pascoa, e trazêl-o para cima das taboas, mais profanas que se pisam n'este mundo.

Aproveite ao menos a licção, que a briosa platéa deu a quem simoniacamente quiz vender o genio de Rossini e a sanctidade da egreja por uns tantos dinheiros!... — E aprendam elles e aprendam as auctoridades que se não póde servir ao mesmo tempo *Deo et Mammonæ* — a Deus e ao Diabo.

O theatro e o templo repellem-se — combinal-os é destruil-os. O profano injuría o sagrado sem o tornar deleitoso. O sagrado, dessalga e deslava o profano sem o tornar sisudo. Mal com os homens por amor de Deus, e mal com Deus por amor dos homens: é peccado sandeu, e é sandice peccaminosa!